

## A VIRGEM MARIA PADROEIRA DE PORTUGAL NA IDADE MÉDIA

Os cristãos começaram bem cedo a estabelecer paralelismo simbólico entre a Virgem-Mãe e a Igreja-Mãe <sup>(1)</sup>, ambas igualmente virgens e fecundas, porque, assim como Maria, sendo mãe de Cristo, é mãe dos cristãos, também a Igreja, esposa mística de Cristo, é mãe dos mesmos cristãos, chamados, por isso, filhos da Igreja (*filii ecclesie* > *filigreses* > *fregueses*) <sup>(2)</sup>.

Por esta razão, a maior parte das catedrais e grande número de igrejas paroquiais tomaram a Virgem Maria por padroeira <sup>(3)</sup>.

Na Península Hispânica havia, desde tempos remotos, grande devoção mariana, cuja festa principal era a da Maternidade Divina, celebrada a 25 de Março. Como esta data caía dentro da quaresma, que impedia a celebração de festas, várias igrejas peninsulares adoptaram dias diferentes, como testemunha o X concílio de Toledo, celebrado em 656: — «*In multis Hispaniae partibus huius Sanctae Virginis festum non uno die per omnes annorum circulos agi*» <sup>(4)</sup>.

Neste concílio tomaram parte os bispos Potâmio de Braga,

---

(1) Pierre David, *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle*, p. 227, e *Virgo Mater et Ecclesia Mater*, em *Segundo Congresso Mariano Nacional* (Braga, 1954), pág. 725-729.

(2) P. Miguel de Oliveira, *As Paróquias Rurais Portuguesas*, p. 115-118.

(3) «Telle est la raison principale pour laquelle tant d'églises cathédrales et paroissiales, quand elles cessèrent d'être sans titulaire, prirent le vocable de Sainte-Marie. La plupart des cathédrales portugaises, comme celles de France, ont Notre Dame pour patronne», *Études Historiques*, p. 227.

(4) J. Sáenz de Aguirre, *Collectio Maxima Conciliorum Omnium Hispaniae et novi orbis*, T. IV, 2.<sup>a</sup> ed. (Roma, 1754), p. 153.

S. Frutuoso de Dume, Flávio do Porto, Cesário de Lisboa e Zózimo de Évora. Tudo leva a crer que, já então, as suas respectivas catedrais (com excepção da de Dume) eram dedicadas à Virgem Maria, à qual deviam ser igualmente dedicadas as sés de Beja, Coimbra, Lamego e Viseu bem como muitas outras igrejas e mosteiros.

Sendo, com efeito, norma geral do tempo da Reconquista restaurar os templos sob a invocação dos antigos oragos<sup>(5)</sup>, podemos concluir que, salvas raras excepções, as sés e templos restaurados neste período sob a invocação de Santa Maria já eram dedicados à Virgem antes da invasão dos Árabes. É que, mesmo durante a ocupação destes, puderam manter-se sempre núcleos de cristãos que, acolhidos à sombra das suas igrejas (quantas vezes em ruínas!), conservaram a tradição e devoção religiosas dos antepassados e, portanto, os mesmos padroeiros.

E a devoção mariana manteve-se bem viva até nas terras dominadas pelos Muçulmanos durante longos séculos, como claramente o demonstram a célebre e riquíssima igreja de Santa Maria de Ossónoba (Algarve), centro de peregrinações<sup>(6)</sup>, e a milagrosa imagem da Virgem de Faro, que, do seu nicho na muralha do castelo *na riba do mar*, atraía a devoção dos Moçárabes e dos cristãos cativos:

«En aquel castel'avia  
Omágem, com'apres'ei,  
Da Virgem mui groriosa  
Feita, como vos direi,  
De pedra ben fegurada;  
Et, com'eu de cert'achei,  
Na riba do mar estava  
Escontra ele de faz (*de frente*).

.....

(5) «Mais un élément de continuité est resté en place, conservateur des traditions antiques comme à toutes les époques de vie ralentie. Cet élément s'est maintenu autour des anciens centres paroissiaux, des églises, des monastères, même s'ils étaient en ruines. On a des exemples précis pour établir que l'ont rebâti des églises sous le vocable des anciens titulaires», afirma P. David em *Études Historiques*, p. 254.

(6) P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, p. 77, e Garcia Domingues, *História Luso-Árabe*, p. 103 e ss.

Ben do tenpo dos crischãos  
 A sabían y estar,  
 Et por ende os cativos  
 A yan senpr'a orar;  
 Et Santa Maria vila  
 De Faaron nomear  
 Por aquesta razon foron.

.....

Dos mouros que y avia  
 Ouveron gran pesar én,  
 Et en o mar a deitaron  
 Sannudos con gran desdem»

Em castigo deste sacrilégio, desapareceu-lhes o peixe do mar, o que obrigou os Mouros a repor a veneranda imagem no seu nicho e o peixe voltou em quantidade nunca antes vista <sup>(7)</sup>.

### A Virgem Maria na formação de Portugal

Ao separar-se da monarquia leonesa, o Condado Português tinha restauradas duas dioceses — Braga e Coimbra, e ambas as catedrais eram dedicadas a Santa Maria, como o eram também muitos templos e mosteiros mencionados nos documentos deste período.

Em 1112, restaurou-se a diocese do Porto, a cuja catedral, também dedicada à «honra e louvor da Bem-aventurada Virgem Maria», D. Teresa doou, em 1120, o burgo Português <sup>(8)</sup>.

Seguiu-se a restauração ou criação das outras dioceses — Lamego e Viseu, em 1147; Lisboa, por 1148; Évora, 1166; Algarve, 1189; a Guarda, em 1203, e todas elas tomaram a Virgem-Mãe para padroeira das suas catedrais <sup>(9)</sup>.

(7) *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sábio*, edição do Marquês de Valmar (Madrid, 1889), cant. n.º CLXXXIII.

(8) «*Ecclesie Sancte Marie Portugalensis sedis*» em *Documentos Medievais Portugueses*, Régios, I, n.ºs 53, 76, 109, 165 e 220.

(9) «*Ecclesie Sancte Marie episcopalis sedis Visiensis*», «*Beatissime Marie Olisiponensis sedis*» e «*Beate Marie sedis Elborensium*» em A. E. Reuter, *Chancelarias Medievais Portuguesas*, I, n.ºs 152 e 204, e Régios, I, n.ºs 19, 41, 232 a 235, 240, 334, 352, 353, 355 e 358.

Não contentes com isso, os Portugueses iam conquistando e povoando novas terras para honra de Deus e da mesma excelsa Senhora, como escreve o cruzado inglês relativamente a Lisboa: «Que momentos de alegria e de glória! Quantas lágrimas de júbilo e piedade, ao vermos erguer-se no mais alto do castelo, em sinal de submissão da cidade, o estandarte da Cruz redentora, para louvor e honra de Deus e da Santíssima Virgem Maria!»<sup>(10)</sup>.

A ela confiavam também a sua defesa e conservação, chamando-lhe Santa Maria de Alcáçova, como fez Santarém, em 1154, e depois Elvas e Montemor-o-Velho. Para outros a inexpugnável Torre de David chamava-se Santa Maria do Castelo, como em Abrantes, Covilhã, Évora-Monte, Penamacor, Portalegre, Sabugal e Seia<sup>(11)</sup>.

Os que morriam no campo de batalha, derramando generosamente o sangue na luta contra os infiéis, se eram heróis e mártires da Pátria, não o eram menos da Igreja e de Maria Santíssima, porque os animava um espírito de cruzada. As suas cinzas eram, por isso, religiosamente recolhidas em cemitérios com capelas dedicadas a Santa Maria dos Mártires, como as de Lisboa, Alcácer do Sal, Elvas, Sacavém e Silves<sup>(12)</sup>.

Era ainda à mesma ínclita Rainha que agradeciam as vitórias sobre os inimigos, levantando-lhe templos, como os da Senhora do Carmo, em Lisboa, e de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

Nos tempos medievais, de fé viva e intensa, multiplicavam-se os mosteiros por Portugal inteiro e quase todos eles se acolhiam à protecção da Virgem das Virgens, escolhendo-a para única ou principal padroeira — *que inter eos tenet principatum* — como os de Águas Santas, Alcobaça, Campanhã, Carvoeiro,

(10) *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)* — *Narração pelos Cruzados Osberno e Arnulfo*, tradução do Dr. J. Augusto de Azevedo, 2.ª ed., p. 109 (texto latino em *Port. Mon. Hist., Scriptores*).

(11) Arq. Nac. da Torre do Tombo, Colegiada da Alcáçova de Santarém, maço 1, doc. 16; Coleção Especial, caixa 29, doc. 30; Gaveta 10, m. 3, doc. 11, e Gav. 19, m. 14, docs. 5 e 7; Chancelaria de D. Afonso III, L.º 1.º dos Direitos Reais, fls. 205 v., e Chanc. de D. João I, L.º 4, fls. 79; *Diplomata et Chartæ*, n.º 824; e *Catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros de Portugal em 1320-1321*, em Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, p. 609-705.

(12) T. T., Col. Espec., ex. 88, m. 1, doc. 39; Chanc. de D. Afonso III, L.º 1.º; *Scriptores*, p. 418; J. Pedro Ribeiro, *Memórias para a História das Inquirições*, p. 15, doc. 2; P. Luís Cardoso, *Diccionario Geográfico*, I, p. 134; J. Pires de Lima, *Propriedades de Santa Cruz de Coimbra em Lisboa*, no «Arq. Histórico de Portugal», IV, p. 342; Carlos da Silva Tarouca, *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, I, p. 78, e Alberto Pimentel, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, p. 15.

Faria e Fiães, Pombeiro e Refojos do Lima, Salzedas e Vouzela. Outros escolhiam-na para titular secundária, como Arouca e Guimarães, Leça e Moreira, Paço de Sousa, Pendorada e Pedroso, Santo Tirso e Tibães, Vacariça e Vairão.

De igual maneira se dedicavam a Santa Maria inúmeras igrejas e capelas, que de novo se iam erigindo.

Quantos templos marianos haveria em Portugal na Idade Média? Impossível contá-los, tantos eles eram!

De Santa Maria de Fiães, em Melgaço, até Santa Maria de Faro, no Algarve; desde a Senhora da Nazaré, sobre as praias alcantiladas do Atlântico, até Santa Maria da Estrela e Senhora de Milreu, batidas pelos ventos agrestes da serra; desde Santa Maria de Abade a Santa Maria de Vouzela ou da Senhora da Ajuda à Senhora da Vitória, não havia terra portuguesa que não tivesse um templo ou altar levantado em honra da Virgem, Mãe de Deus e dos homens — *ob honorem et reverentiam Dei Genitricis Marie, gloriose semper Virginis*, como nos dizem documentos de Braga e doutras terras<sup>(13)</sup>.

O exame de milhares de documentos medievais, publicados e inéditos<sup>(14)</sup>, revelou-me já mais de mil templos e lugares consagrados a Nossa Senhora até ao fim do século XV, muitos dos quais datam do tempo da Reconquista, sendo alguns anteriores à invasão muçulmana.

Elevado número de templos marianos, sem dúvida, mas muito aquém da realidade, não só porque boa parte dos antigos

(13) Anos 1086 e 1089, *Liber Fidei*, docs. 121 e 605.

(14) Nos Arquivos Distritais de Braga e de Évora; na Torre do Tombo de Lisboa, e na colecção fotográfica do Instituto Histórico da Faculdade de Letras de Coimbra, extractei de milhares de documentos ainda inéditos as referências relativas ao santoral português, trabalho que completei pelas transcrições de todos os documentos portugueses do séc. XII, pertencentes à Academia Portuguesa da História, amavelmente emprestadas pelo Ex.<sup>o</sup> Snr. Dr. Rui de Azevedo.

Para os documentos já publicados utilizei principalmente os *Portugaliæ Monumenta Historica — Diplomata et Chartæ e Inquisitiones*; *Vimaranis Monumenta Historica*; Academia Portuguesa da História, *Documentos Medievais Portugueses — Documentos Particulares*, III e IV (em impressão) e *Régios*, I; *Memórias de Paço de Sousa*, *Memórias de Pombeiro e Leituário da Sé de Lamego*; Câmara Municipal do Porto, *Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium* e *Censual do Cabido da Sé do Porto*; *Monarchia Lusitana*; A. Cactano do Amaral, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*; J. Pedro Ribeiro, *Dissertações Chronologicas e Criticas e Memorias para a Historia das Inquirições*; Braamcamp Freire, *Archivo Historico Português*; Pedro de Azevedo, *Livro dos Bens de D. João de Portel*; A. E. Reuter, *Chancelarias Medievais Portuguesas*, I; P. David e Torcato de Sousa Soares, *Liber Anniversariorum Ecclesiæ Cathedralis Colimbricensis*, e P. F. Manuel Alves, *Memórias arqueológico-Hist. do Distr. de Bragança*.

documentos se perderam irremediavelmente, devido às inclemências do tempo e ainda mais ao desleixo dos homens, mas também porque me não foi possível consultar toda a documentação medieval ainda existente.

Para as freguesias, como quase todas tiveram origem medieval e conservam os primitivos oragos, pode preencher-se, em parte, a lacuna pelo *Censo da População do Reino de Portugal*, de 1890, que, por ter menos inovações que os censos posteriores, está mais conforme com a tradição.

Este *Censo* dá-nos a seguinte estatística:

Distrito:	N.º de freguesias:	Freguesias dedicadas a N.ª Senhora:	Percentagem:
Aveiro ... ..	180	28	15,5
Beja ... ..	93	31	33,3
Braga ... ..	521	73	14
Bragança ... ..	290	45	15,5
Castelo Branco ... ..	145	53	36,5
Coimbra ... ..	187	69	36,8
Évora ... ..	105	45	42,8
Faro ... ..	68	37	54,4
Guarda ... ..	330	136	41,2
Leiria ... ..	116	52	44,8
Lisboa ... ..	211	82	38,8
Portalegre ... ..	82	45	54,87
Porto ... ..	379	55	14,5
Santarém ... ..	130	66	50,7
Viana do Castelo ... ..	286	55	19,2
Vila Real ... ..	254	64	25,1
Viseu ... ..	362	96	26,5
Total ... ..	3.736	1.032	27,62 (15)

Este quadro estatístico revela-nos um contraste flagrante e, à primeira vista, estranho entre as freguesias do norte e as do sul do rio Mondego. Nas primeiras, temos uma pequena percentagem dedicada a Nossa Senhora, que atinge o mínimo no distrito de Braga com apenas 14 por cento, seguindo-se-lhe o Porto com 14,5.

(15) Percentagem sensivelmente igual se verifica nos séculos anteriores, porque já em 1767-68, no *Portugal Sacro-Profano* de Paulo Dias de Niza, cerca de 25 por cento das paróquias são dedicadas a Nossa Senhora.

As segundas são, pelo contrário, dedicadas à Virgem Maria em elevada percentagem, que chega a 54,4 em Faro e a 54,87 em Portalegre.

Dividindo o território português aproximadamente pelo rio Mondego, temos ao Norte 2.365 freguesias com 450, ou sejam 19 por cento delas, consagradas à Virgem Maria; e ao Sul 1.374 freguesias, 582 das quais, ou sejam 42,35 por cento, dedicadas à mesma excelsa Senhora.

Que concluir desta estatística? Que a devoção mariana estava mais espalhada no Sul que no Norte?

De modo algum. A razão é outra.

### Influência do ambiente mariano europeu

Ao separar-se da monarquia leonesa, o Condado Português tinha, ao norte do Mondego, uma população relativamente densa e, de longo tempo, presa à terra, cujas tradições mantinha e, por isso, conservava ou restaurava as suas igrejas sob a invocação dos oragos escolhidos pelos antepassados<sup>(16)</sup>.

Ao sul do Mondego, porém, se exceptuarmos Lisboa e um pequeno número de vilas e fortalezas, a população rareava ou era de fixação recente e sem tradições ligadas à história local.

Os conquistadores e colonos, vindos em grande parte do Norte, podiam, portanto, escolher livremente os oragos das igrejas que iam construindo ou restaurando.

Ora a fundação e povoamento de Portugal coincidiram com um grande incremento da devoção mariana, motivada pelo ideal cavallheiresco da Idade Média de exaltação da mulher, cujo protótipo perfeito era a Virgem Maria, razão por que se deve «atribuir justamente ao culto de Nossa Senhora o próprio desabrochar do lirismo trovadoresco»<sup>(17)</sup>; pelas cruzadas; por influência das ordens de Cluny, de Cister e Mendicantes e pela expansão de novas devoções — a Santa Maria da Caridade, de Guadalupe, do Pilar, de Puy, de Rocamadour, de Roncesvales, etc.<sup>(18)</sup>.

(16) *Études Historiques*, p. 254-255.

(17) Vejam-se, por exemplo, as cantigas de amor da poesia trovadoresca e Américo Cortez Pinto, *A Presença da Virgem na Literatura Portuguesa*, em «Fátima, Altar do Mundo», I, p. 155.

(18) P. Avelino de Jesus da Costa, *A Ordem de Cluny em Portugal*, p. 15, 27 e ss. e Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres da Nossa Idade Média* (separata da «Revista Portuguesa de História», vol. V), p. 65 e 75-77.

«Através da Europa católica daqueles dias, diz Mário Martins, circulavam colecções de milagres, em verso e em prosa, em latim e nas línguas românicas, sobretudo à volta de Nossa Senhora e dos grandes santuários marianos» (19). Essa onda de devoção mariana chegou até nós, trazida pelos religiosos e cavaleiros vindos de além Pireneus, pelos Portugueses que peregrinavam por santuários e terras estrangeiras e por narrativas com a vida e milagres da Virgem.

«Que estes não eram desconhecidos (*entre nós*) mostram-nos os *Milagres de Nuestra Senhora*», de Gonçalo Berceo (20), que se apelidava «jogral da Virgem e dos Santos»; as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso o Sábio, e outras obras (21).

Nascido assim debaixo do signo mariano, Portugal não podia deixar de receber a sua benéfica influência.

Era, por conseguinte, lógico que Maria Santíssima fosse escolhida para padroeira de quase metade das igrejas das terras sucessivamente incorporadas no território português.

O Norte, tendo necessidade de manter os oragos tradicionais das suas paróquias, mostrou a sua devoção mariana de dupla maneira — transmitindo essa piedosa devoção ao centro e sul do país e levantando altares à Virgem dentro das suas igrejas paro-

(19) *Obra cit.*, p. 51.

(20) J. Joaquim Nunes, *História da Literatura Portuguesa* sob a direcção de A. Forjaz de Sampaio, I, p. 171.

(21) Conheciam-se, com efeito, entre outras, as obras de Santo Ildefonso de Toledo, como *Libellus de Virginitate Sanctæ Mariæ*, do qual havia, em 959, um exemplar no mosteiro de Guimarães (*Dipl. et Ch.*, n.º 76, e *Vim. Mon. Hist.*, n.º 9) e a tradição da entrega duma casula inconsútil pela Virgem ao caloroso paladino da sua perpétua virgindade, como o demonstra a lápide de D. Maria Fernandes (cerca do ano 1.300, no Museu Machado de Castro de Coimbra), em que se representa a Virgem com o Menino e Santo Ildefonso de joelhos a receber a casula das mãos dum anjo (Cfr. *Fátima Altar do Mundo*, gravura do fasc. 2.º e p. 319); — o *Libro del Buen Amor*, em que o Arcipreste de Hita mistura orações à Virgem com sátiras à corte pontificia, etc., o qual foi vertido para português, no séc. XIV, e de que resta um fragmento na Bibl. Mun. do Porto, publicado por Solalinde (*Revista de Filologia Española*, I) e por Teófilo Braga (*Questões de Literatura e Arte Portuguesas*, p. 128-136); — *Les Miracles de la Vierge* de Gauthier de Coincy, porque Afonso o Sábio, na cantiga LV, localiza em Lisboa um milagre idêntico ao da canção XIX de Coincy, que Gonzague Truc pôs em francês moderno (*Les Miracles de la Vierge*, p. 161-168); — igualmente chegaram até nós as colectâneas latinas dos *Miracula Beatæ Mariæ Virginis*, de que temos, na Sé de Braga, um fragmento do séc. XII, com quatro milagres (P. Avelino de Jesus da Costa, *Fragments Preciosos de Códices Medievais*, p. 27) e *De Miraculis Beatissimæ Virginis*, Bibl. Nacional, Códice Alcobacense CCXVIII.

Mais difícil seria chegarem cá as narrativas da Europa central, como as *Três Canções da Virgem*, escritas cerca do ano 1172 pelo P.º Wernher, da Alemanha meridional, que são a obra principal da lírica amorosa alemã com a vida da Virgem (Walter Goetz, *História Universal*, versão espanhola de M. Garcia Morente, III, p. 353).

quiais e, fora, templos marianos que ainda hoje lhe polvilham de branco os vales e as montanhas. Vejam-se, por exemplo, Santa Maria da Orada, em Melgaço <sup>(22)</sup>; Santa Maria do Corporal, em S. Salvador da Torre «*em Riba de Limia*» <sup>(23)</sup>; Senhora da Abadia, em Amares <sup>(24)</sup>; as capelas de Nossa Senhora da Anunciação e da Assunção, da Glória, da Graça, da Senhora a Branca e de Santa Maria a Vermelha em Braga <sup>(25)</sup>; Santa Maria do Corporal, capela anexa ao mosteiro de Paço de Sousa <sup>(26)</sup>; Senhora da Batalha, Senhora da Silva e Senhora de Vandoma, no Porto <sup>(27)</sup>, e muitas, muitas outras.

Ora, se era tão elevado o número de igrejas e de terras dedicadas à Virgem e, mais ainda, se à mesma eram consagradas as nossas sés medievais, Maria Santíssima era a padroeira de Portugal, pelo menos indirectamente, enquanto todas as freguesias dependem da respectiva catedral ou igreja-mãe.

### Santa Maria de Braga, Rainha de Portugal

Houve, desde a primeira hora, particular interesse em engrandecer a catedral de Braga, que, por ter sido sempre a metrópole das outras dioceses da Galécia — «*comprovincialium sedium matrem*» — e revestida de insigne dignidade e santidade, devia ser mais prestigiada do que qualquer outra — «*super alias etiam sedes honorari debere*».

Por esta razão, o Conde D. Henrique e D. Teresa, a 12 de Abril de 1112, doaram o couto de Braga «à gloriosíssima Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, em cuja honra estava fundada na cidade de Braga a igreja metropolitana — *gloriosissime Geni-*

(22) P. J. M. Semedo, *Nossa Senhora da Orada* (Faro, 1956), p. 21-36.

(23) *Cantigas de Santa Maria de Don Alfcuso el Sábio*, n.º CCXLV.

(24) P. Arlindo Ribeiro da Cunha, *Senhora da Abadia*, Braga, 1951.

(25) Arquivo Dist. de Braga, Colecção Crmol., cx. 18; Gaveta dos Legados, doc. 53; Gav. das Capelas, docs. 10 a 12 e 78; Gav. 1.ª das Propriedades do Cabido, doc. 111; e Gav. das Propr. Particulares, doc. 150; Mons. J. A. Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, II, p. 503; M. Aguiar Barreiros, *Nossa Senhora nas suas Imagens e no seu culto na arquidiocese de Braga*, e J. C. d'Oliveira Guimarães, *Abade de Tagilde, Guimarães e Santa Maria*.

(26) Frei A. da Assunção Meireles, *Memórias de Paço de Sousa*, p. 10.

(27) Câmara Municipal do Porto, *Imagens de Nossa Senhora*, Porto, 1954, p. 73 e estampas 5, 6 e 10, e Conde de Samodães, *O culto de Maria Santíssima na diocese do Porto*.

*trici Dei semperque Virgini Marie in cuius honore ecclesia metropolitana fundata esse in Bracara civitate dinoscitur*»<sup>(28)</sup>.

A intenção de exaltar a igreja de Braga torna-se mais evidente ainda, ao iniciar-se o governo de D. Afonso Henriques, o qual, a 27 de Maio de 1128, confirmou e ampliou a «*Sancte Marie Bracarensi*» o couto que lhe havia sido doado por seus pais.

Tinha-se iniciado já o longo e tremendo duelo religioso e político entre Braga e Toledo e Braga e Compostela, uma das fases mais notáveis da gestação da independência nacional<sup>(29)</sup>.

E D. Afonso Henriques compreendeu bem a extraordinária importância que Braga e o seu arcebispo tinham para o auxiliar a obter o governo e a garantir a independência de Portugal. Não admira, por isso, que se mostrasse pródigo na concessão de privilégios verdadeiramente reais — o arcebispo, para o ajudar a tomar conta das rédeas do governo — «*ut tu sis adiutor meus*», foi nomeado capelão-mor e chanceler-mor da cúria régia, e a catedral bracarense ficou com direito de cunhar moeda para obviar às despesas da sua construção<sup>(30)</sup>.

É bem claro o pensamento de D. Afonso Henriques — a Toledo, antiga capital política e religiosa dos Visigodos e actual primaz da Espanha, e a Compostela, santuário nacional, opõe ele Braga, a antiga capital dos Suevos e a única e verdadeira metrópole da Galécia.

E, para não haver dúvidas, diz expressamente na carta de couto: «Assim como meu avô, el-rei D. Afonso, auxiliou a construir a igreja de Santiago, do mesmo modo dou eu e concedo a Santa Maria de Braga o direito de cunhar moeda para construir a sua igreja» — *et sicut avus meus rex Alfonsus dedit adiutorium ad ecclesiam Sancti Jacobi faciendam, simili modo dono et concedo Sancte Marie Bracarensi monetam, unde fabricetur ecclesiam*.

À atitude de Afonso VI, que concedeu a Compostela o direito de cunhar moeda para levantar um templo nacional a Santiago, padroeiro da Espanha, responde D. Afonso Henriques com

(28) *Boletim do Arquivo Distrital de Braga*, II, p. 12-15, e *Régios*, I, n.º 30.

(29) Carl Erdmann, *O Papado e Portugal no primeiro século da História Portuguesa*, p. 20 e ss.; Mons. J. A. Ferreira, *Fastos Episcopais*, I, p. 235 e ss.; Damião Peres, *Como nasceu Portugal*, p. 54, e *Origens da Nacionalidade*, em «Congresso do Mundo Português», II, p. 11, e P. Miguel de Oliveira, *Factores Religiosos na Independência de Portugal*, em «Congresso do Mundo Português», II, p. 73.

(30) *Chancelarias Medievais*, I, n.º 3, e *Régios*, I, n.º 89.

igual privilégio a Braga, que seria também um templo nacional em honra de Maria Santíssima, padroeira de Portugal nascente.

E repare-se que estamos no momento crucial em que o temível Diogo Gelmires, arcebispo de Compostela, procura usurpar a Braga os direitos de metrópole, subtraindo-lhe da obediência algumas dioceses sufragâneas (31).

Por duas vezes se me deparou nos documentos medievais o título de rainha atribuído a Maria Santíssima e, de ambas as vezes, em documentos da sé de Braga — a primeira, na doação de Faiões (Chaves), que D. Teresa lhe fez a 25 de Julho de 1124; a segunda, na já referida carta do couto concedida por D. Afonso Henriques à mesma sé, a 27 de Maio de 1128, quando já se preparava para tomar conta do governo, facto que se veio a dar 28 dias depois, na batalha de S. Mamede.

Todavia, ao passo que D. Teresa diz: «*desideramus placere Deo regi et Beate Marie regine celi*», D. Afonso Henriques limita-se a dizer: «*Regine Sancte Marie*» (32), parecendo querer indicar-nos, com esta expressão mais genérica, que Ela era não só rainha do céu mas também do novo reino que ele fundava.

«Podemos crer, diz com razão o ilustre historiador Mons. Miguel de Oliveira (33), que estas palavras não eram simples fórmula vazia de significado, mas verdadeira proclamação da realza de Maria, feita pelo moço cavaleiro ao brandir, pela primeira vez, a espada que havia de refulgir em tantas batalhas com lampejos de glória».

Deste modo, D. Afonso Henriques, ao tomar as rédeas do governo, egeria Santa Maria de Braga para padroeira e rainha de Portugal nascente.

Portugal, que tirou o nome do da cidade da Virgem — *Portucale* (34), pode, por conseguinte, chamar-se *Terra de Santa Maria*, que, mais do que a estreita faixa ocidental de entre Douro e

(31) *Fastos*, I, p. 255-259 e 296.

(32) *Régios*, I, n.ºs 67 e 89.

(33) *Santa Maria na História e na Tradição Portuguesa*, em «Fátima Altar do Mundo», I, p. 49.

(34) Paulo Merça, *Do «Portucale civitas» ao Portugal do Conde D. Henrique*. A primitiva povoação de *Portucale*, chamada também *Portucale castrum antiquum* ou *Portucale castrum antiquum Romanorum*, ficava na margem esquerda do Douro e corresponde a Gaia. Na margem direita, fundou-se posteriormente outra povoação, chamada *Portucale (Portus Cale) castrum novum* ou *Portucale castrum novum Suevorum*, e corresponde à cidade do Porto. Foi do segundo que derivou o nome de Portugal. Cfr. *Études Historiques*, p. 34-37 e 68.

Vouga <sup>(35)</sup>, designa o país inteiro, pois de todo ele foi sempre padroeira desvelada a Virgem Santíssima, logo desde os alvares da Nacionalidade.

### Principais santuários marianos nos séculos XIII a XV

Este padroado não era uma palavra vã, como tantas outras, porque Nossa Senhora era verdadeiramente a padroeira da vida pública e particular de todos os Portugueses.

O homem medieval vivia a sua fé muito mais intensamente que o de hoje, recorrendo com ilimitada confiança à Virgem Santíssima em todas as circunstâncias da vida — «*Conscientie mei criminis sepe expavesco. Ut per te, Sanctissime Virginis, tandem reconciliari merear Deo, omni supplicatione, votis omnibus, imploro*» diz D. Illi Gonçalves numa doação à sé de Braga, de 8 de Março de 1077. É que a Virgem era a medianeira entre Deus e os homens — «*ut Sancta Dei Genitrix semper Virgo Maria (...) intercedat pro nobis*» <sup>(36)</sup>, pedem o Conde D. Henrique e D. Teresa.

Preces ardentes como estas brotavam de milhares de corações e a Virgem, mãe sempre terna e carinhosa, acolhia-as benignamente, obtendo-lhes do Altíssimo as graças desejadas.

Para pedir e agradecer estes benefícios, levantavam-se templos e altares; esculpiam-se e pintavam-se imagens — «*ad faciendum et deaurandum tabulam de super altare sculptam cum istoria Beate Virginis Marie*»; instituía-m-se missas perpétuas; faziam-se múltiplas doações a igrejas, como a de D. Sancho I, contemplando no seu testamento cem igrejas de Santa Maria; deixavam-se legados para sustentar lâmpadas que, dia e noite, deviam arder *coram imagine Virginis Marie* <sup>(37)</sup>.

E a Virgem, que se não deixa vencer em generosidade, era remédio salutar para os males do corpo e da alma, segundo o testemunho de Afonso o Sábio:

(35) A Terra de Santa Maria chamou-se também Terra da Feira, por ter o centro na vila do mesmo nome. Cfr. Paulo Merêa e Amorim Girão, *Territórios Portugueses no século XI*, na «*Revista Portuguesa de História*», II (1943), p. 255-264.

(36) *Liber Fidei*, docs. 136 e 609, e *Régios*, I, n.º 15.

(37) *Livro das Calendas da Sé de Coimbra*, I, p. 72, 103, 113, e II, p. 69, 291, 234, etc. Não cito os restantes documentos por serem muito numerosos e o tencionar fazer no trabalho mencionado na nota final deste artigo.

«Todolos coitados que querem saude  
Demanden a Virgen et a sa vertude»

(Cant. CCXXIII).

«A Virgen, que Deus madre este, filha e criada,  
D'acorrer os pecadores sempr'está aparelhada.»

(Cant. CCCXXII).

Os milagres multiplicavam-se, passavam de boca em boca e de terra em terra e atraíam romeiros de cada vez mais numerosos, dando origem à formação de livros de milagres, como os da Senhora da Oliveira, em Guimarães <sup>(38)</sup>, e da sé de Évora:

«Foron aa grand'eigreja  
Que é de Santa Maria,  
Ū grande vertude sobeja  
Mostra de sanar enfermos,  
Ond'an feit'un gran volume.»

(Cant. CCCXXXVIII).

Poetas, cronistas e oradores fazem perpassar diante de nós uma multidão de peregrinos, que, desde a capela de Nossa Senhora, ornada *con muita flemosa fror* (Cant. CCXLV), no adro de S. Salvador da Torre, em Riba de Lima, até Santa Maria de Faro, vão em romagem aos templos da Virgem.

Então como agora, vemos passar gente moça, que, aproveitando-se da ocasião, canta e se diverte pelos caminhos:

«Hyr quer'o]eu, fremosa de coração,  
Por fazer romaria e oraçon  
A Santa Maria das Leiras.»

(Cancioneiro da Vaticana, cant. n.º 341).

(38) Mário Martins, S. J., «O Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira» de Afonso Peres, que eu tinha encontrado e adquirido para o Arquivo da Universidade de Coimbra. Sobre a piedade mariana na Idade Média consultar o importante trabalho do mesmo autor — *Peregrinações e Livros de Milagres na Nossa Idade Média*, p. 50-

«Cantando e com dansa  
Seja por nós louvada  
A Virgem coroada,  
Que é nossa esperança.»

(Cant. LXXXVI).

Peregrinos de perto e de longe, nobres damas e senhores da côrte com a sua honrada comitiva, gente humilde de povo e pobres andrajosos, clérigos e frades, todos se irmanavam na mesma «*mui grande romaria*» para, de círios na mão, dar «*graças a Santa Maria*» pelos benefícios recebidos e pedir-lhe outros, «*promettendo-Lhe sas offertas et dões*» (Cant. CXCIX).

Então como hoje, era chocante sobretudo a romagem dos enfermos e aleijados, a peregrinar de santuário em santuário na doce esperança de encontrar remédio para os seus males.

Parece-nos ouvir ainda as preces fervorosas saídas daquelas almas retalhadas pela dor ou feridas pela desgraça:

«Virgen de Deus Madre,  
Santa preciosa,

.....  
Sobr' esta mia filha

.....  
Mostra ta vertude.

Fonte de bondades,  
Tu lhe dá saude;  
Ca mui ben podes  
Dar, Virgem fremosa.»

(Cant. CCCXIX).

Às vezes, não podendo resistir à dor, irrompiam em altos gritos e choro convulso, prostrando-se diante da Virgem num gesto de sublime abandono e inteira confiança na celeste Mãe:

«Jazend'assi na eigreja,  
Sempre gemend' e chorando  
À Virgen Santa Maria

E de coração rogando  
Que ll'ouvesse piadade.»

(*Cant. CCCXXXIII*)

Não era raro dar-se a cura repentina, que provocava a admiração e louvores da assistência, como a que, segundo Afonso o Sábio, se deu na sé de Évora:

«Ante toda quanta gente  
Y estava; et tan toste  
Loores <sup>(39)</sup> de bõa mente  
Deron a Sancta Maria,  
A Madre de Deus amada.»

(*Cant. CCCXXII*).

No século XIII, os principais centros de peregrinações marianas parecem ter sido o da Senhora da Oliveira, em Guimarães, e os de Alenquer, Évora, Faro, Monsaraz, Nazaré e, mais que todos, Terena, no Alentejo.

A fama deste santuário e dos seus muitos milagres espalhou-se por Portugal e Castela:

«Por todo o mund'Ela miragres faz;  
Mais d'ũa sa casa, cabo Monsarraz,  
Que chaman Terena, sei ben que assaz  
Faz muitos miragres a quen y recude.»

(*Cant. CCXXIII*).

Nos séculos XIV e XV, é muito maior o número de santuários marianos, de que destacarei apenas a Senhora da Abadia <sup>(40)</sup> e da Oliveira, no Minho; Azinhoso, em Trás-os-Montes; Senhora da Conceição, em Matosinhos; Senhora do Cabo e da Nazaré, sobre as ondas furiosas do Atlântico; Santa Maria dos Açores e da Es-

(39) Isto é, imediatamente deram louvores.

(40) P. Arlindo Ribeiro da Cunha, *Senhora da Abadia*, Braga, 1951.

trela, na Beira; Santa Maria da Flor da Rosa, no Alentejo, e Santa Maria de África, em Ceuta.

É sobejamente conhecida, para nela insistir, a promessa feita por D. João I, quando da batalha de Aljubarrota, de ir a «pé a Santa Maria de Oliveira, que era na villa de Guimarães», o que devotamente cumpriu «...chegou a Guimarães (...) onde o receberam com grão procissão clérigos e frades e toda outra gente, e feita sua oração e offerta deu muitas esmolas e tornou-se para o Porto» (41).

O Santo Condestável Nuno Álvares, como grande devoto da Virgem, ia haurir forças para os combates diante da sua imagem, andando a peregrinar de igreja em igreja, às vezes, a «pee e descalço em romaria a Santa Maria» (42).

Assumar, Azinhoso, Ourém, Seiça, Sertã, Vila Viçosa, onde colocou a imagem da padroeira da Nação, e Flor da Rosa, construída por seu pai, que era «mui honrrada ygreja de Sancta Maria, muy devota e em que Deos faz muytos milagres» (43), foram outros tantos passos do seu longo peregrinar até se recolher ao seu mosteiro do Carmo, em Lisboa, com o nome de Frei Nuno de Santa Maria.

À Senhora da Conceição de Matosinhos «viinham muitas pessoas dormir aa dicta igreja e fazer suas offerendas, dizendo que Deus e sua Madre fezera por ellas muitos milagres». D. João II, estando doente, «veeo aa cidade do Porto e com o principe seu filho a pee des o Porto veeo a Santa Maria da Concepçom, fazendo sua romaria com muita devoçom» (44).

Conquistada Ceuta, a 21 de Agosto de 1415, o Infante D. Henrique enviou «hũa imagem, assaz devota, de Santa Maria, mandando-lhes poer nome Santa Maria d'África» que ali faz, diz o Infante, «muytos milagres tendo os devotos christãos que em a dita cidade morão, e outros comarcãos assi dos reinos de Castella, como do reino do Algarve, e muitos cativos christãos, que jazem em terra de Mouros, em Ella muy grande devoçom» (45).

(41) Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, P. 2.<sup>a</sup>, cap. 62.

(42) e (43) *Crónica do Condestável*, p. 2, 73, 146 e 187, e *Crónica de D. João I*, P. 2.<sup>a</sup>, cap. XLVI e LXX.

(44) Frei João da Póvoa, *Memórias soltas e inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do Mosteiro de N.ª S.ª da Conceição de Matosinhos, dos séculos XIV e XV*, p. 35, publicadas por A. de Magalhães Basto, Porto, 1940.

(45) Afonso de Dornelas, *Santíssima Virgem d'África, Padroeira de Ceuta*, p. 7, e G. E. de Azurara, *Crónica dos Feitos da Guiné*, p. 85.

### A Casa de Avis e Santa Maria

Merecem referência especial, pela sua grande importância, Nossa Senhora das Virtudes, Santa Maria da Escada e Santa Maria de Belém.

À primeira, perto de Aveiras de Cima, entre Azambuja e Car-taxo, poderemos chamar, sem grande exagero, a Fátima do século XV. Era, com efeito, tão grande a afluência de romeiros vindos de todo o Portugal e até de Ceuta, sobretudo nas festas de Nossa Senhora, que enchiam os caminhos e se amontoavam em alpendres ou ficavam ao relento mesmo em noites agrestes.

D. Duarte, «avendo grande devação e fiuza em a mui Alta Senhora Madre de Deos, da qual por experiencia muitas vezes sentimos que era nossa singular avogada», prometeu, quando da tomada de Ceuta, «edificar hum mosteiro de S. Francisco na ermida de Santa Maria das Virtudes», e, ao lado, fez uma casa, a que chamava «Paços da nossa pouzada».

D. Afonso V mandou abrir seis estalagens para os peregrinos, que também tinham alpendres, hospital e cemitério. O Infante Santo, antes de partir para a infeliz expedição de Tânger, onde ficou captivo, legou no seu testamento «a Santa Maria das Virtudes duas capas de baldoquy vermelho» (46).

Outras alfaias ricas lhe devem ter oferecido os romeiros, mas o que era incontestavelmente mais notável eram os ex-votos de prata e de ouro, que, só por si, formariam hoje um rico museu de ourivesaria, a avaliar pelo inventário de 5 de Março de 1453 (47).

Estes e outros ex-votos, entre os quais se encontravam os do Infante D. João e de D. João II, são testemunho eloquente das muitas graças obtidas.

A Santa Maria da Escada, anexa ao mosteiro de S. Domingos de Lisboa, e a Santa Maria de Belém, na praia do Restelo, estão ligados os factos mais notáveis da história portuguesa, durante a dinastia de Avis, e alguns dos principais da História Universal.

No cerco de Lisboa, D. Nuno Álvares Pereira, antes de ir ao paço ter entrevista com o Mestre, foi ouvir missa em Santa Maria da Escada, «em que avia gram devaçom», diz Fernão Lopes.

Logo que a Lisboa chegou a boa nova da vitória de Aljubar-

(46) Frei João Álvares, *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, p. 141.

(47) Frei Manuel da Esperança, *História Seráfica*, II, p. 570-588.

rota, organizou-se «uma geral procissão em que foram todos descalços (...) o mais honradamente que ser pode, e assim chegaram a Santa Maria de Escada, onde disseram missa solemne e pregação», para dar graças à mesma Senhora, a quem prometeram uma procissão anual no mês de Maio <sup>(48)</sup>.

Antes de morrer, D. João I quis que o levassem à sé de Lisboa e a «visitar a igreja de Santa Maria da Escada, que elle, pegada com o mosteiro de S. Domingos, novamente mandou fazer, e em que tinha singular devoção, e depois de se despedir da imagem de Nossa Senhora e com inteiro conhecimento da sua morte encomendar a Ella sua alma, foi levado ao castello donde partira» <sup>(49)</sup>.

Ali foi rezar e comungar o Infante Santo, em Agosto de 1437, antes de partir para o desastre e consequente cativo de Tânger.

Mandada restaurar e ampliar por D. Duarte, a ela foi também rezar e comungar D. Afonso V, a 15 de Agosto de 1471, antes de partir para as conquistas de Arzila e de Tânger.

É de lamentar que esta célebre ermida se não tenha mantido como padrão sagrado, a que estavam indelévelmente ligadas a independência pátria e as campanhas da África.

O Infante D. Henrique mandou levantar no Restelo, margem direita do Tejo, um templo a Santa Maria de Belém — «Estabilici e hordeney a igreja de Sancta Maria de Belleem assytuada em Restello termo da cidade de Lisboa», a que foram concedidos por Pio II os privilégios de paróquia dos navegantes (que nela tinham a protectora e confidente das suas alegrias e tristezas) pela bula *Inter cetera*, de 14 de Outubro de 1459 <sup>(50)</sup>.

Com razão chamou, por isso, João da Barros a este lugar a «praia das lágrimas para os que vão e terra de prazer aos que vêm».

Antes de embarcarem para a gloriosa viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama e os outros capitães passaram em vigília, nesta capela do Restelo, a noite de 7 para 8 de Julho de 1497. Na manhã seguinte, depois de ouvi-

(48) *Crónica de D. João I*, P. 2.<sup>a</sup>, cap. XLVII, e E. Freire de Oliveira, *Elementos para a história do Município de Lisboa*, P. 1.<sup>a</sup>, t. 1, p. 278 e ss.

(49) Rui de Pina, *Crónica de D. Duarte*, cap. I.

(50) Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, I, p. 590, 562 e 578; Dias Dinis, *Biblos*, XXI (1945), p. 37-74, e Arquivo do Vaticano, *Reg. Suppl.*, 458, fl. 245 v.

rem missa, dirigiram-se em procissão, de velas na mão e cantando as ladainhas, para os barcos que os esperavam na praia:

«Partimo-nos assi do santo templo  
Que nas praias do mar está assentado,  
Que o nome tem na terra, para exemplo,  
Donde Deus foi em carne ao mundo dado».

.....  
Em procissão solene, a Deus orando,

(*Os Lusíadas*, canto IV, est. 87-88).

Momento dramático da despedida, em que as lágrimas dos que partem se misturam com os soluços dos que ficam:

«Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam,  
As mulheres c'um choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam.  
Mães, esposas, irmãs (que o temeroso  
Amor mais desconfia) acrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.»

(*Canto IV*, est. 89)

canta o nosso Épico, que immortalizou esta cena, ao descrever os perigos do mar, nos maus preságios do Velho do Restelo.

Nossa Senhora de Belém abençoou aquelas lágrimas mais amargas que as do mar salgado, levando Vasco da Gama à tão almejada Índia.

Dois anos mais tarde, em Setembro de 1499, estava de regresso em Lisboa, mas, antes de entrar na cidade, quis fazer uma novena àquela Senhora que tinha sido para ele a Estrela do Mar e o Porto de Salvação.

Estava realizado o grande sonho do Infante (que levantou a piedosa ermida), um dos maiores feitos da Humanidade, que deu ao mundo novos rumos, marcando verdadeiramente o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna.

Para perpetuar esse memorável acontecimento e agradecer a Maria Santíssima a sua desvelada protecção, levantou-se essa epopeia de pedra que são a Torre e o Mosteiro de Belém, monumentos sagrados de Portugal e do mundo inteiro.

Encontrando na Virgem uma protecção sempre pronta, os Portugueses foram levados a considerá-la como padroeira da Nação.

Este padroado, embora se não conheça proclamação oficial anterior à de D. João IV, em 1646 (se não quisermos considerar como tal a carta de couto de Braga, de 1128), já era reconhecido desde o século XIV, pelo menos, como, entre outros, o demonstram os seguintes documentos:

1) Em acção de graças pela vitória de Aljubarrota, a Câmara de Lisboa ordenou procissões «em serviço e louvor de Deus, e em honra e louvor da sua madre Virgem Santa Maria, aa qual prougue que nosso senhor el Rey ouvesse tam stremada vitorya em vespera da *sua mayor e mais solene festa*, e aa ora que se per todos estes regnos seus louvores cantavam, por claramente mostrar que *Ella he a principal colupna e deffensor desta çidade e regnos em todas suas pressas e tribulações*»<sup>(51)</sup>.

2) D. João I aprovou as determinações da Câmara, a 3 de Novembro de 1385<sup>(52)</sup>.

3) O mesmo monarca, ao doar a Santa Maria de Ermelo, do concelho de Arcos de Valdevez, as freguesias de Britelo e Soajo, declara: «Nós aa honra da *Virgem Maria nossa deffensor (...)* e consirando *as muitas e stremadas graças que do seu Filho beento a rogo della sempre recebemos assy em guarda do nosso corpo como em exalçamento dos ditos regnos* specialmente na batalha e campo que ouvemos com os Castellãos dando nos delles *vitória maravilhosa mais polla sua misericordia* que pollos nossos me-recimentos e polla grande devaçom que em Ella sempre ouvemos e avemos...»<sup>(53)</sup>.

4) Na doação do mosteiro da Batalha aos Dominicanos, em 4 de Abril de 1388, D. João I volta a afirmar: «Nós por honra da *Virgem Maria nossa defensor e destes regnos, consirando as muitas e stremadas graças que do seu Filho beento a rogo della sem-*

(51) Freire de Oliveira, *Elementos para a Hist. do Município de Lisboa*, P. I.<sup>a</sup>, t. I, p. 278.

(52) Chancelaria de D. João I, L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>, fl. 16 e ss.

(53) Chancelaria de D. João I, L.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup>, fl. 178.

*pre recebemos (...) specialmente na batalha e campo que ouvemos com os Castellãos dando nos delles victoria maravilhosa (...) preposemos em relenbrança dos beneficios por Ella recebidos de edificar e mandar fazer casa de oraçom, em a qual a honrra e louvor da dicta Senhora se faça serviço a Deus...*»<sup>(54)</sup>.

5) D. Duarte, como atrás se disse, tinha «grande devação e fiuza em a mui Alta Senhora Madre de Deos, da qual por experiência muitas vezes sentimos que era nossa singular avogada.»

Se a Virgem era a coluna e defensora dos reinos de Portugal, não o era menos de cada um dos Portugueses, que, depois de beneficiarem da sua protecção nesta vida, repetiriam confiadamente, ao aproximar-se a morte, uma prece idêntica à do Infante D. Henrique no seu testamento: «*Peço a minha Senhora Sancta Maria, por seer madre de misericordia, que peça a Deus misericordia por mym, que me dê salvaçom*»<sup>(55)</sup>.

### Nossa Senhora da Assunção, Padroeira de Portugal

Qual seria o título sob o qual os nossos maiores invocariam a protecção da Virgem Santíssima?

Difficil sabê-lo com certeza, porque os documentos medievais não têm dados concretos sobre o assunto, limitando-se a denominá-la quase exclusivamente Santa Maria.

Dos mistérios e privilégios da sua vida referem particularmente a Maternidade Divina e a Virgindade Perpétua: «*Sancta Maria, Mater Domini*»; *ob honorem et reverentiam Dei Genitricis Marie, gloriose semper Virginis*»<sup>(56)</sup>; «*gloriosissime Genitrici Dei semperque Virgini Marie*»<sup>(57)</sup>; «*Domini Nostri Jhesu Christi Genitricis et gloriose semperque Virginis Marie*»<sup>(58)</sup>, e muitas outras expressões idênticas.

Alguns documentos frisam a Virgindade, chamando-lhe a Virgem das Virgens: «*Sancta Maria semper Virgo permanens cum suas virgines*»<sup>(59)</sup> e «*Sancte Marie semperque Virginis cum omnibus virginibus*»<sup>(60)</sup>.

(54) Chancelaria de D. João I, L.º 1.º, fl. 191.

(55) A. J. Dias Dinis, *O Testamento do Infante D. Henrique*, p. 25, e *Biblos*, XXI (1945), p. 37-74.

(56) Anos de 1086 e 1089, *Liber Fidei*, docs. 121 e 605.

(57) Régios, I, doc. 30, de 12 de Abril de 1112.

(58) *Memórias de Paço de Sousa*, doc. de 1131.

(59) Ano 961, *Diplomata et Chartæ*, doc. n.º 84.

(60) *Memórias de Paço de Sousa*, ano de 1083, fl. 9 v.

Raríssimas vezes lhe dão outros títulos, como o já referido de Rainha — *Regine Sancte Marie* e *Beate Marie regine celi*; o de «*Maria mater luminis*»<sup>(61)</sup>, etc..

Chamando-lhe, embora, apenas Santa Maria, os nossos antepassados deviam ter intenção, ao menos implícita, de venerar algum mistério ou privilégio especial, que estivesse mais em voga e fosse mais da sua devoção, como se dá actualmente conosco.

Ora, até ao século IX, a invocação Santa Maria andava intimamente associada à da Maternidade Divina, por ser esta a principal e, de início, a única festividade mariana da Península Hispânica, fixada, como já disse, a 18 de Dezembro (*solemnitas Dominicæ Matris die decimo quinto Kalendarum Januariarum omnimodo celebretur*), pelo X Concílio de Toledo.

No Oriente, na Gália e noutras regiões, a festa principal de Nossa Senhora era, porém, a da sua morte e subida ao céu em corpo e alma, a que os Gregos chamavam *κοιμησις* e *μετάστασις* e os Latinos *dormitio*, *transitus*, *depositio*, *pausatio*, *natale* ou *assumptio*, tendo prevalecido o último nome.

Celebrada a princípio em meados de Janeiro, segundo os testemunhos de S. Gregório de Tours (538-594), dos missais gótico, de Bóbio, etc., foi fixada pelo imperador Maurício (582-602) a 15 de Agosto, dia que todos vieram a adoptar<sup>(62)</sup>.

Os Santos Padres e Doutores da Igreja foram simultaneamente explanando a doutrina assuncionista, que se encontra já bem explícita nas homilias de S. João Damasceno († c. 750) sobre a *dormitio* da Virgem: «A tua alma não baixou ao limbo nem o teu corpo se corrompeu. Teu corpo, imaculado e isento de toda a mancha, não foi abandonado na terra, mas sim, Rainha soberana, Senhora e verdadeira Mãe de Deus, foste trasladada às reais mansões do céu»<sup>(63)</sup>.

De que a doutrina assuncionista bem cedo entrou na Península dá-nos flagrante testemunho o sarcófago páleo-cristão, do séc. IV, da cripta de Santa Engrácia de Saragoça, que é a mais

(61) *Dipl. et Chartæ*, n.º 234.

(62) H. Delehaye, *Commentarius Perpetuus in Martyrologium Hieronymianum*, em *Acta Sanctorum Novembris*, t. II (Bruxelas, 1931), p. 45; Migne, *Patrologia Latina*, LXXII, col. 244-247; H. Delehaye-Peters-Coens-Gaiffier, *Propylæum ad Acta Sanctorum Decembris* — *Martyrologium Romanum* (Bruxelas, 1940), p. 340

(63) Migne, *Patrologia Grega*, XCVI, cols. 699-762.

antiga representação iconográfica da Assunção que se conhece <sup>(64)</sup>, no qual uma mão misteriosa procura levantar a Virgem pelo braço direito (*Grav. I*).



Grav. I — A Assunção no sarcófago de Santa Engrácia de Saragoça. (Séc. IV)

Outro testemunho não menos claro é o dos sermões de Santo Ildefonso, bispo de Toledo (657-667), sobre a Assunção, embora oito deles se devam atribuir a Ambrósio Antger († 778) <sup>(65)</sup>.

Também entre nós se fez sentir a influência do Pseudo-Jerónimo e do Pseudo-Agostinho na evolução da doutrina assuncionista <sup>(66)</sup>.

Apesar de tudo, a festa da Assunção falta nos mais antigos livros litúrgicos peninsulares, como no *Oracional de Verona*, dos fins do séc. VII <sup>(67)</sup>, e no *Antifonário de Beja*, escrito pelo ano 800 e fielmente transcrito no *Antifonário de Leão*, do séc. X <sup>(68)</sup>, em cujo calendário já se encontra esta festividade.

(64) D. Aureliano Fernández Guerra, *Monumento zaragozano del año 312, que representa la Asunción de la Virgen*, Madrid, 1870; J. Ramón Mélida, *El Arte en España durante la Época Romana*, em «História de España», sob a direcção de R. Menéndez Pidal, II, p. 742; *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, I, 2.<sup>a</sup> P., cols. 2983-3001, e J. da Costa Lima, *Fontes de Inspiração Literária e Plástica no Tema da Assunção da Virgem*, em «Imagens de Nossa Senhora», já citadas, p. 26, e *Iconografia assuncionista*, em «Brotéria», LI (1950), p. 540-558.

(65) *Patrol. Latina*, XCVI, cols. 235-271, e B. Altaner, *Patrologia*, p. 49-51, do suplemento da versão espanhola, e J. Madoz, *Segundo Decénio de Estudios sobre Patristica Española (1941-1950)*, Madrid, 1951, p. 136.

(66) Frei Montalverne, *A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça*, em «Colectânea de Estudos», n.º 3 (1947), p. 115-133.

(67) José Vives, *Oracional Visigótico*, Barcelona, 1946.

(68) D. Justo Pérez de Urbel, *El Antifonario de León y el Culto de Santiago el Mayor*, em «Revista de la Universidad de Madrid», III (1954), e *El Antifonario de León*, em «Archivos Leoneses» (1954) e *Antiphonarium Mozarabicum de la Catedral de León*, editado pelos Monges de Silos em 1928.

Nos fins do séc. IX ou princípios do X, a Assunção entra também na liturgia hispânica, sendo, com excepção do calendário Vigilano, já mencionada por todos os calendários peninsulares, inclusivè pelos de Córdova, de Leão e de Ripoll e pelos Emilia-nense e Silense I, todos do séc. X<sup>(69)</sup>.

Com a introdução desta festividade decaiu muito a de 18 de Dezembro, principalmente depois da substituição do rito hispânico pelo romano, no último quartel do séc. XI<sup>(70)</sup>.

Todavia, até ao séc. XVI pelo menos, os calendários e constituições portuguesas conservaram a festa de Nossa Senhora ante Natal, denominando-a *Annuntiatio Dominica*, *Annuntiatio Beatæ Marie Virginis secundum Hispanos*, *Commemoratio* ou *Festivitas Beatissime Virginis Marie*, etc.<sup>(71)</sup>, celebrando-se nela a expectação do parto e não a Anunciação, que no rito romano é a 25 de Março.

Posteriormente, a maior parte das dioceses portuguesas suprimiram esta festividade nos seus calendários, mas indevidamente, porque continua a ter bastante culto entre o povo, sob a denominação de Nossa Senhora da Expectação ou do Ó<sup>(72)</sup>, sendo ainda o orago de trinta e sete freguesias e de numerosas capelas, a que se devem juntar mais quarenta freguesias que, tendo embora por orago a Santa Maria, celebram a festa patronal a 18 de Dezembro.

É certo, porém, que, a partir do séc. X, embora os fiéis nunca esquecessem a Maternidade Divina e a Virgindade Perpétua de Maria, a Assunção se tornou a sua principal festa, ou *magnum festum*, como lhe chama o *Livro das Calendas da Sé de Coimbra*<sup>(73)</sup>.

O documento português mais antigo que a ela se refere é uma carta original do mosteiro de Pedroso, datada de 20 de Agos-

(69) Dom M. Férotin, *Le «Liber Ordinum» en usage dans l'Église Wisigothique et Mozarabe du V<sup>e</sup> au XI<sup>e</sup> siècle*, vol. V dos «Monumenta Ecclesiae Liturgica» (Paris, 1904), p. 449-495, e José Vives y Ángel Fábrega, *Calendarios Hispánicos anteriores al Siglo XII*, em «Hispania Sacra», II (1949), p. 119-146, e *Calendários Hisp. ant. al Siglo XIII*, *ibidem* (1949-1950), p. 339-380, e p. 145-162.

(70) *Études Historiques*, p. 391-405.

(71) P. Avelino de Jesus da Costa, *Nossa Senhora da Assunção Padroeira de Portugal*, em «Letras e Artes» das «Novidades», de 8 de Janeiro de 1956; *Études Historiques*, p. 535, e Mons. J. A. Ferreira, *Estudos Histórico-Litúrgicos*, p. 326.

(72) Prof. Rocha Brito, *A gestação na arte religiosa*, em «O Tripeiro» (1946-1947).

(73) Também chamado *Liber Anniversariorum*, que a 17 de Agosto tem esta nota a justificar a transferência dos sufrágios: «*que sunt scripta in festo Beate Marie Virginis, que non fiunt tunc pro eo quod est magnum festum*».

to de 1011, ao relatar um acordo feito «*in die tertio in Assumptio Sancta Maria*»<sup>(74)</sup>, ou seja a 17 de Agosto.

O uso da Assunção para indicar uma data sem qualquer referência ao mês nem ao dia prova que a festa estava já bastante divulgada e conhecida, aliás a expressão «*in Assumptio Sancta Maria*» (forma incorrecta por *in Assumptione Sanctæ Mariæ*) seria incompreensível.

Enquanto os teólogos e pregadores se esforçavam por precisar o objecto desta festividade<sup>(75)</sup>, os fiéis professavam publicamente a sua firme crença na subida ao céu da Virgem Maria em corpo e alma, como claramente nos dizem os documentos 121 e 620 do *Liber Fidei*, de 11 de Agosto de 1086: «*Sancta Maria, Mater Domini, que assumpta est in celo*».

Esta crença pressupõe a conveniente doutrinação dos fiéis, que se deve atribuir sobretudo aos pregadores. Destes remotos tempos não se conhece nome algum, mas no séc. XIII temos já dois grandes apologistas da Assunção nos oradores Santo António de Lisboa († 1231) e no dominicano Frei Paio Menor ou «*Pelagius Hispanus*» († c. 1240).

O primeiro, no «*sermo in Assumptione Sanctæ Mariæ Virginis*», afirma: «a Virgem bendita foi assunta ao céu, naquele corpo pelo qual se tornou escabelo do Senhor (...). Senhora nossa e inclita Mãe de Deus, exaltada sobre os coros angélicos, nós Vos suplicamos que enchais o vaso do nosso coração de graça celeste», para que «possamos ver-nos erguidos às alturas da glória celeste e merecer a felicidade dos bem-aventurados, mercê de Jesus Cristo, vosso Filho, que, em tal dia como hoje, Vos exaltou sobre os coros dos anjos, Vos coroou com o diadema do reino e colocou no sólio da eterna luz»<sup>(76)</sup>.

A Assunção passa a ser mais frequente do que qualquer outra festa mariana nas datas dos documentos medievais: «*In festivitate Assumptionis Sancte Marie*»<sup>(77)</sup>; *Mense Augusti, XI Ka-*

(74) *Dipl. et Chartæ*, n.º 216.

(75) *Congresso Mariano sobre a Assunção de Nossa Senhora. Estudos e Actas*, em «*Colectânea de Estudos*» (1947), fasc. 3, e «*Brotéria*», LI (1950), fasc. 6, consagrado à Assunção.

(76) P. Mário Branco, *A Assunção de Nossa Senhora na Oratória Portuguesa*, em «*Colectânea de Estudos*», n.º 3, p. 136, e Pedro Julião, *Nossa Senhora no Pensamento Português*, em «*Brotéria*» LI, p. 574-592.

(77) Arq. Dist. de Braga, *Livro das Datas de Fiães*, doc. 82, de 15-8-1221.

*lendas Septembris, in octavis Assumptionis Beate Marie*»<sup>(78)</sup>, e muitas outras expressões semelhantes.

D. Afonso Henriques, em 1183, na doação de metade de Chaviães aos moradores de Melgaço, fixou-lhes o pagamento do foro «*mediam partem post triduum Natalis Domini et mediam partem III.º die post festum Assumptionis Sancte Marie*»<sup>(79)</sup>. Com o paralelismo três dias depois do Natal e três dias depois da Assunção D. Afonso Henriques parece dizer-nos que esta festa tem para a Virgem a mesma importância que o Natal para o Redentor.

Em vez de Assunção, alguns documentos e calendários mencionam antes a *Dormitio*, porque a morte de Maria foi mais um sono de que despertou na eternidade, chegando alguns autores a afirmar que a Virgem Maria não chegou a morrer<sup>(80)</sup>: «*In die dormitionis Sanctæ Mariæ armatus est rex Sancius a patre suo, apud Colimbriam*»<sup>(81)</sup>.

O mais vulgar é, porém, chamar-lhe Santa Maria de Agosto, como fizeram D. Afonso III, ao fixar, em 1260, a feira da Covilhã: «*pro festo Sancte Marie Augusti*»<sup>(82)</sup>; D. Afonso IV, em 1329, «*Por dia de Santa Maria de Agosto*»<sup>(83)</sup>, as Inquirições e muitos outros.

A festa podia indicar-se também pelos nomes das terras, onde se celebravam grandes romarias a 15 de Agosto, como a Senhora da Abadia, no Minho; Santa Maria de Gradim, lugar da freguesia de Unhão, Felgueiras; Santa Maria de Merles, em Gondomar, etc.

Eram sinónimas da Assunção as denominações — Santa Maria Alta, Santa Maria a Grande<sup>(84)</sup>, Santa Maria Maior, Senhora dos Anjos ou dos Serafins, Senhora da Ascensão (*Grav.* 2), Senhora da Glória e dos Altos Céus.

Os nossos calendários medievais trazem cinco festas maria-

(78) A. E. Reuter, *Chancelarias Medievais Portuguesas*, n.º 228, de 22-8-1170.

(79) *Régios*, I, n.º 353.

(80) M. Jugie, *La Mort et l'Assomption de la Sainte Vierge* (Vaticano, 1944), e Cónego Molho de Faria, *Assunção de N. Senhora. Estudo histórico-dogmático*. Braga, 1954.

(81) J. Pedro Ribeiro, *Dissertações Cronológicas*, III, p. 157, doc. 498, de 15-8-1170.

(82) *Ibidem*, III, P. 2.ª, p. 73, doc. 23.

(83) Pedro de Azevedo, *Os Reguengos da Extremadura*, doc. XXI.

(84) *Dissertações Cron.*, II, p. 81, e Viterbo, *Elucidário*, s. v. *Santa Maria Alta*; Arq. Dist. de Braga, *Papéis das Igrejas*, n.º 16, e T. T., Gav. 19, m. 14, doc. 5.

nas: — Purificação, Anunciação, Assunção ou Dormitio, Natividade e Expectação ou Senhora do Ó (a 18 de Dezembro), a que se juntaram a da Senhora das Neves, no século XIV, e as da Visitação e Conceição, no século XV <sup>(85)</sup>.

De todas estas festividades a única que tinha vigília e oitava era a da Assunção, prova evidente de que era a principal festa mariana do ano litúrgico. Nem é de estranhar que assim fosse, porque está dentro da prática tradicional da Igreja festejar os



Grav. 2 — A Assunção na capa de marfim do Evangelário de Carlos Magno. (Abadia de S. Gall, Suíça)

santos no dia da respectiva morte, que é o seu *dies natalis* ou do nascimento para a verdadeira vida — a da eterna glória. Consequentemente, a Igreja tinha de festejar a Virgem de modo particular no seu *dies natalis*, que é o da Assunção. Assim aconteceu, com efeito, porque, principalmente depois de S. Leão IX lhe ter juntado, pelo ano 847, a vigília e oitava, esta festa se tornou a principal do ciclo mariano.

As Ordens religiosas consideravam-na também como principal, como se vê pelos usos dos Cónegos Regrantes: «O dia da

(85) Cfr. trabalhos citados na nota (71).

*Assumpçã de Sancta Maria d'Agosto (é de) grande effeto e lidice spiritual com procissam de Sancta Maria»* <sup>(86)</sup>.

Como já acima disse, até ao fim do século XV, encontram-se nos documentos medievos mais de mil templos e lugares consagrados a Nossa Senhora, que era orago de 1.032 freguesias em 1890.

Ora, denominando-se todos esses templos unicamente de *Santa Maria*, até ao fim do século XV, temos de recorrer à tradição e à festa do orago para saber qual o mistério, privilégio ou «título piedoso sob o qual se prestava especial culto à Virgem Santíssima» <sup>(87)</sup>. Estas fontes não podem, todavia, dar-nos sempre a certeza, porque em muitos casos parece ter havido mudança do título ou erro do informador <sup>(88)</sup>.

Tratando-se de documento oficial, aproveito os dados do *Censo* de 1890, segundo o qual as 1.032 freguesias consagradas a Nossa Senhora A invocavam sob noventa e nove títulos diferentes. Os mais vulgares são os de Santa Maria (com 227 freguesias), da Senhora da Assunção (com 152), da Conceição (com 144), da Graça (com 70), da Purificação (com 40, mas a que se podem juntar mais 5 da Senhora das Candeias, 5 da Apresentação e 11 da Senhora da Luz), das Neves (com 37), da Expectação (com 37, sendo 9 da Senhora do Ó) e do Rosário (com 22).

Dos outros títulos correspondem à Assunção quase todas as 19 freguesias dedicadas a Santa Maria Maior, 11 de Nossa Senhora dos Anjos, 2 de Nossa Senhora da Glória, 2 de Nossa Senhora da Ascensão e 1 de Nossa Senhora dos Altos Céus, o que dá um total dumas 187 freguesias dedicadas ao mistério da Assunção. A este número temos ainda de juntar boa parte das freguesias que, conservando o antigo nome de Santa Maria, a festejam a 15 de Agosto.

Confrontando, com efeito, a estatística das invocações adiante publicada, verifica-se que, em 1767-1768, apenas 81 freguesias tinham Santa Maria por orago, mas em compensação, o

(86) Mário Martins, *O Livro da Ordem dos Cônegos Regrantes, e Crasteiros*, em «Estudos de Literatura Medieval» (Braga, 1956), p. 228.

(87) Mons. Miguel de Oliveira, *Santa Maria Titular das Catedrais Portuguesas*, em «Letras e Artes», das «Novidades», de 13 de Novembro de 1956.

(88) Não há, com efeito, completa uniformidade entre os títulos de Nossa Senhora que os autores indicam para várias igrejas. Cfr. P. A. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, P. Dias de Niza, *Portugal Sacro-Profano*, Luis Cardoso, *Dicionário Geográfico ou Memórias Paroquiais*, Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, etc.

número das dedicadas à Assunção subiu para 237 (mais 85 que em 1890) e o das dedicadas à Expectação para 66 (mais 38).

Isto leva-nos a concluir que, à medida que recuamos no tempo, aumenta o número das freguesias dedicadas à Assunção e à Expectação, devendo distribuir-se entre estas duas (proporcionalmente) quase todas as freguesias que, tendo invocações posteriores ao séc. XIV, usavam antes o nome tradicional de Santa Maria.

Poderemos, portanto, afirmar, sem grande margem de erro, que mais de dois terços das freguesias e templos marianos da Idade Média festejavam o seu orago a 15 de Agosto<sup>(89)</sup>, embora se chamassem de Santa Maria.

Este nome manteve-se invariável até ao séc. XVI, pois ainda no *Livro de todos os benefícios e comendas do reino de Portugal*, de 1528 (Arq. Distr. de Braga, *Papéis das Igrejas n.º 16*), todas as igrejas de Nossa Senhora se denominam de Santa Maria.

Em 1537, porém, no *Livro das avaliações das igrejas e benefícios e mosteiros deste reino de Portugal* (Bibl. Nacional, caixa 19, doc. 14), já aparece um reduzido número com as seguintes invocações: Nossa Senhora ou Santa Maria dos Anjos, da Anunciada, de Belém, da Conceição, do Espinheiro, da Graça, da Misericórdia, da Nazaré, da Rosa e da Salvação.

Assim se explica que a Assunção fosse *magnum festum* para o cabido de Coimbra e a «*mayor e mais solene festa*» para D. João I e a Câmara de Lisboa, o que confirma Fernão Lopes, dizendo: «tão grande e stremada vitoria em vespera de *sua mais solene festa*»<sup>(90)</sup>, ou dia de «*grande effecto e lidice spiritual*» para os Cónegos Regrantes. E não era festa regional, mas de Portugal inteiro, como expressamente o disse a Câmara de Lisboa: «*aa ora que se per todos estes regnos seus louvores cantavam*».

Após a vitória de Aljubarrota, o culto à Assunção aumentou ainda mais com as procissões e solene vigília que, para comemorar essa vitória, se celebravam a 14 de Agosto, as quais tinham nalgumas dioceses solenidade idêntica à do Corpo de Deus: «*Et nota quod in hac ecclesia Elborensi, in vigilia Assumptionis Vir-*

(89) Parte das dedicadas à Senhora da Oliveira, as de Aboadela, Freixo, Olivais e Verde diz o *Portugal Sacro-Profano* «que se festeja em dia da Assunção» (vol. II, p. 86, etc.).

(90) *Crónica de D. João I, II*, cap. XLVIII.

*ginis Marie, fit solemnis memoria victorie regalis et fit duplex et solemne officium cum processione sicut in festo Corporis Christi* <sup>(91)</sup>.

D. João I tinha grande devoção à Virgem Maria, particularmente à sua Assunção, cuja vigília coincidia com a da grande vitória de Aljubarrota, motivo por que escolheu esse dia para alguns dos actos mais solenes do seu reinado, por exemplo o da conversão da era de César na era cristã nas datas dos nossos documentos, ordenada por Lei de 15 de Agosto de 1422.

D. Duarte foi, por sua vez, defensor e devoto da Assunção, que considerava um dos mais altos privilégios da Virgem Maria — «E assy faço que he no ceo em corpo e em alma per muy evidentes razões que os leterados demonstram, e per scoller aquella parte que a meo juyzo he pera ella de mayor louvor e prerrogativa.» <sup>(92)</sup>

A devoção assuncionista da dinastia de Avis foi tão grande que Frei Agostinho de Santa Maria chegou a afirmar que, em memória da batalha de Aljubarrota, todas as catedrais portuguesas foram dedicadas, em 1394, ao mistério da Assunção por bula de Bonifácio IX <sup>(93)</sup>.

Idêntica afirmação fizera sessenta e cinco anos antes D. Rodrigo da Cunha, ao referir-se à colocação das relíquias de S. Vicente na Sé de Lisboa, na «capella mor, onde de principio forão collocadas, que por este respeito a achamos nomeada *capella de São Vicente*, sendo sua propria invocação da Virgem Senhora Nossa, e de sua gloriosa Assumpção, como o são todas as maes cathedraes deste reyno» <sup>(94)</sup>.

Embora estas afirmações se tenham de rejeitar por haver algumas catedrais com outros titulares <sup>(95)</sup>, é certo que era muito grande a piedade assuncionista, o que naturalmente levaria os fiéis a tomar a invocação *Santa Maria*, sem qualquer outro qua-

(91) *Breviário de Évora*, de 1528.

(92) *Leal Conselheiro*, cap. XXXV (ed. Piel, Lisboa, 1942), p. 138.

(93) *Santuário Mariano*, I (Lisboa, 1707), p. 27.

(94) *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, P. 2.<sup>a</sup> (Lisboa, 1642), cap. XVII, fl. 96.

(95) Sebastião Martins dos Reis, *As Catedrais Portuguesas e a Dedicção a Santa Maria*; P. António Brásio, *As Catedrais Portuguesas e a Dedicção a Santa Maria*, em «Letras e Artes» das «Novidades» de 27 de Novembro de 1955; Mons. Miguel de Oliveira, *Santa Maria Titular das Catedrais Portuguesas*, *ibidem*, a 13 de Novembro de 1956.



Grav. 3 — Nossa Senhora da Assunção Padroeira de Portugal.  
(P. A. Soares de Albergaria, Tropheos Lusitanos (1632), fl. 16)

lificativo, como equivalente à Assunção de Maria, cuja festa era mais solene e mais geral que qualquer outra.

Os templos dedicados «a Santa Maria, estavam implicita-

mente dedicados à Assunção de Maria, se outra invocação particular não estivesse nas tradições litúrgicas»<sup>(96)</sup>.

Não admira que fosse esta a festividade preferida para fazer romagens aos templos da Virgem, como expressamente o diz Afonso o Sábio relativamente à sé de Évora e a Terena:

«Fasta (*até*) que chegou a festa  
Da Virgen Santa Maria  
Que cae no mes d'Agosto,  
Quand'Ela foi corõada»

(*Cant.* CCCXXII).

«Et, se per ventura aven  
Que en esta festa que ven  
D'Agosto, per vosso mal sen  
Fordes y per nenhũa ren...»

(*Cant.* CCLXXXIII).

Este ambiente assuncionista levou os fiéis a tomarem a Senhora da Assunção como sua protectora e padroeira de Portugal.

Que esta afirmação corresponde a uma realidade e não é hipótese arriscada prova-o claramente o P. António Soares de Albergaria, ao publicar, a fls. 16 dos seus *Tropheos Lusitanos*, impressos em 1632, a gravura junta (*Grav.* 3), a que deu o expressivo título de

NOSSA SENHORA DA ASSVMP-  
ÇAM PROTECTORA DO REY-  
NO DE PORTUGAL  
PATRONA AC MATER PISSIMA LUSITANIÆ

As armas da Nação fidelíssima servem de condigno pedestal à Virgem Imaculada, que é desde os alvares da Nacionalidade a Padroeira e Mãe terníssima da Lusitânia, o que D. João IV sancionou oficialmente com a proclamação de 1646<sup>(97)</sup>.

Que a Mãe Santíssima não largue o padroado!

(96) Mons. Miguel de Oliveira, *obra cit.*

(97) *Homenagem à Padroeira de Portugal* em «Brotéria», XLIII (1946), número dedicado à Imaculada Conceição.

## FREGUESIAS DEDICADAS A NOSSA SENHORA EM 1890

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
<b>AVEIRO</b>		
Águeda .....	18	2
Albergaria .....	8	1
Anadia .....	12	2
Arouca .....	20	3
Aveiro .....	11	1
Castelo de Paiva .....	9	2
Estarreja .....	9	1
Feira .....	34	5
Ílhavo .....	1	—
Macieira de Cambra .....	9	2
Mealhada .....	6	3
Oliveira de Azemeis .....	20	2
Oliveira do Bairro .....	5	—
Ovar .....	7	2
Sever do Vouga .....	8	2
Vagos .....	3	—
	<hr/>	<hr/>
Total .....	180	28
	Percentagem	15,5
 <b>BEJA</b>		
Aljustrel .....	4	1
Almodôvar .....	7	3
Alvito .....	2	2
Barrancos .....	1	1
Beja .....	16	5
Castro Verde .....	5	1
Cuba .....	3	2
Ferreira .....	6	2
Mértola .....	10	3
Moura .....	10	2
Odemira .....	10	5
Ourique .....	7	2
Serpa .....	8	2
Vidigueira .....	4	—
	<hr/>	<hr/>
	93	31
	Percentagem	33,3

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
<b>BRAGA</b>		
Amares ... ..	24	4
Barcelos ... ..	94	14
Braga ... ..	59	11
Cabeceiras de Basto ... ..	17	2
Celorico de Basto ... ..	22	4
Esposende ... ..	15	1
Fafe ... ..	39	4
Guimarães ... ..	79	12
Póvoa de Lanhoso ... ..	28	4
Terras de Bouro ... ..	17	—
Vieira ... ..	20	4
Vila Nova de Famalicão	49	7
Vila Verde ... ..	58	8
	521	73
		14
<b>BRAGANÇA</b>		
Alfândega da Fé ... ..	20	3
Bragança ... ..	50	13
Carrazeda de Ancieães ... ..	20	2
Freixo de Espada à Cinta	6	—
Macedo de Cavaleiros ... ..	33	7
Miranda do Douro ... ..	15	4
Mirandela ... ..	33	9
Mogadouro ... ..	28	7
Torre de Moncorvo ... ..	17	5
Vila Flor ... ..	19	1
Vimioso ... ..	14	2
Vinhais ... ..	35	2
	290	45
		15,5
<b>CASTELO BRANCO</b>		
Belmonte ... ..	4	2
Castelo Branco ... ..	19	8
Certã ... ..	14	3
Covilhã ... ..	26	9
Fundão ... ..	29	8
Idanha a Nova ... ..	15	9 <sup>(98)</sup>
Oleiros ... ..	12	4
Penamacor ... ..	12	6

(98) Sete delas dedicadas a N.ª Senhora da Conceição.

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
Proença a Nova ... ..	4	1
S. Vicente da Beira ... ..	3	1
Vila de Rei ... ..	3	1
Vila Velha de Ródão ... ..	4	1
	<hr/>	<hr/>
	145	53
	Percentagem	36,5
<b>COIMBRA</b>		
Arganil ... ..	17	2
Cantanhede ... ..	14	5
Coimbra ... ..	30	7
Condeixa ... ..	10	4
Figueira da Foz ... ..	11	2
Góis ... ..	5	2
Lousã ... ..	5	1
Mira ... ..	1	—
Miranda do Corvo ... ..	4	1
Montemor o Velho ... ..	13	7
Oliveira do Hospital ... ..	19	6
Pampilhosa ... ..	10	4
Penacova ... ..	9	3
Penela ... ..	6	1
Poiares ... ..	4	1
Soure ... ..	12	6
Tábua ... ..	16	7
	<hr/>	<hr/>
	187	69
	Percentagem	36,8
<b>ÉVORA</b>		
Alandroal ... ..	7	3
Arraiolos ... ..	8	4
Borba ... ..	5	2
Estremoz ... ..	14	4
Évora ... ..	19	6
Montemor o Novo ... ..	17	7
Mora ... ..	4	3
Mourão ... ..	3	2
Portel ... ..	10	4
Redondo ... ..	7	4
Reguengos de Monsaraz... ..	6	2
Viana do Alentejo ... ..	3	2
Vila Viçosa ... ..	6	2
	<hr/>	<hr/>
	105	45
	Percentagem	42,8

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
<b>FARO</b>		
Albufeira ... ..	3	3
Alcoutim ... ..	5	2
Aljezur ... ..	3	3
Castro Marim ... ..	3	1
Faro ... ..	6	2
Lagoa ... ..	4	3
Loulé ... ..	7	2
Monchique ... ..	3	2
Olhão ... ..	5	3
Silves ... ..	6	3
Tavira ... ..	7	3
Vila do Bispo ... ..	4	3
Vila Nova de Portimão ...	3	2
Vila Real de Santo Antó- nio ... ..	2	2
	68	37
		54,4
<b>GUARDA</b>		
Aguiar da Beira ... ..	13	4
Almeida ... ..	27	11
Ceia ... ..	29	10
Celorico da Beira ... ..	22	12
Figueira de Castelo Ro- drigo ... ..	14	7
Fornos de Algodres ... ..	13	5
Gouveia ... ..	23	8
Guarda ... ..	55	25 <sup>(99)</sup>
Manteigas ... ..	3	1
Meda ... ..	16	6
Pinhel ... ..	26	13
Sabugal ... ..	42	15
Trancoso ... ..	30	15
Vila Nova de Foscoa ...	17	4
	330	136
		41,2
<b>LEIRIA</b>		
Alcobaça ... ..	18	8
Alvaiázere ... ..	6	1

(99) Onze delas são dedicadas a N.ª Senhora da Conceição.

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
Ancião ... ..	5	3
Batalha ... ..	2	1
Caldas da Rainha ... ..	10	8
Figueiró dos Vinhos ... ..	8	5
Leiria ... ..	23	9
Óbidos ... ..	12	4
Pedrógão Grande ... ..	5	3
Peniche ... ..	5	2
Pombal ... ..	11	4
Porto de Mós ... ..	11	4
	<hr/>	<hr/>
	116	52
		Percentagem
		44,3

## LISBOA

Alcácer do Sal ... ..	11	4
Alcochete ... ..	2	—
Aldeia Galega do Ribatejo	3	1
Alenquer ... ..	14	7
Almada ... ..	2	1
Arruda dos Vinhos ... ..	5	2
Azambuja ... ..	6	4
Barreiro ... ..	3	1
Cadaval ... ..	9	4
Cascais ... ..	3	1
Cezimbra ... ..	2	1
Grândola ... ..	4	2
Lisboa, 1.º Bairro ... ..	14	5
» 2.º » ... ..	11	4
» 3.º » ... ..	13	3
» 4.º » ... ..	6	3
Loures ... ..	14	4
Lourinhã ... ..	7	2
Mafra ... ..	14	5
Moita ... ..	2	1
Oeiras ... ..	6	4
Santiago do Cacém ... ..	11	3
Seixal ... ..	4	4
Setúbal ... ..	7	2
Sintra ... ..	10	5
Sobral de Montagaço ... ..	2	1
Torres Vedras ... ..	18	5
Vila Franca de Xira ... ..	8	3
	<hr/>	<hr/>
	211	82
		Percentagem
		38,8

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
<b>PORTALEGRE</b>		
Alter do Chão ... ..	5 <sup>(100)</sup>	4
Arronches ... ..	6 <sup>(100)</sup>	5
Avis ... ..	5	1
Campo Maior ... ..	2	2
Castelo de Vide ... ..	4	2
Crato ... ..	6	5
Elvas ... ..	16 <sup>(101)</sup>	7
Fronteira ... ..	3	1
Gavião ... ..	5	4
Marvão ... ..	3	1
Monforte ... ..	5	3
Nisa ... ..	8	5
Ponte de Sor ... ..	3	—
Portalegre ... ..	8	2
Sousel ... ..	3	3 <sup>(102)</sup>
	82	45
	Percentagem	54,87
<b>PORTO</b>		
Amarante ... ..	41	6
Baião ... ..	19	3
Bouças ... ..	12	1
Felgueiras ... ..	33	5
Gondomar ... ..	11	3
Lousada ... ..	26	4
Maia ... ..	16	5
Marco de Canaveses ... ..	33	6
Paços de Ferreira ... ..	16	1
Paredes ... ..	24	2
Penafiel ... ..	36	3
Porto, 1.º Bairro ... ..	5	2
» 2.º » ... ..	7	2
Póvoa de Varzim ... ..	10	3
Santo Tirso ... ..	32	2
Valongo ... ..	5	—
Vila do Conde ... ..	30	5
Vila Nova de Gaia ... ..	23	4
	379	55
	Percentagem	14,5

(100) Reduzidas a 4 freguesias.

(101) Reduzidas a 7 freguesias.

(102) Todas de N.ª Senhora da Graça.

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
<b>SANTARÉM</b>		
Abrantes ... ..	16	3
Almeirim ... ..	4	—
Benavente ... ..	3	2
Cartaxo ... ..	5	2
Chamusca ... ..	5	2
Constância ... ..	3	2
Coruche ... ..	4	1
Ferreira do Zêzere ... ..	9	3
Golegã ... ..	1	1
Mação ... ..	6	5
Rio Maior ... ..	8	3
Salvaterra de Magos ... ..	2	1
Sardoal ... ..	2	—
Tomar ... ..	13	7
Torres Novas ... ..	18	10
Vila Nova da Barquinha	4	3
Vila Nova de Ourém ... ..	9	6
	130	66
		50,7
<b>VIANA DO CASTELO</b>		
Arcos de Valdevez ... ..	49	11
Caminha ... ..	19	5
Melgaço ... ..	18	6
Monção ... ..	32	6
Paredes de Coura ... ..	21	4
Ponte da Barca ... ..	25	2
Ponte do Lima ... ..	51	8
Valença ... ..	16	3
Viana do Castelo ... ..	40	8
Vila Nova de Cerveira ...	15	2
	286	55
		19,2
<b>VILA REAL</b>		
Alijó ... ..	18	5
Boticas ... ..	16	5
Chaves ... ..	45	15
Mesão Frio ... ..	7	1
Mondim de Basto ... ..	9	—
Montalegre ... ..	35	10
Murça ... ..	8	3

<i>Concelhos</i>	<i>Freguesias</i>	<i>Freguesias de N.ª Senhora</i>
Peso da Régua ... ..	10	2
Ribeira de Pena ... ..	6	—
Sabrosa ... ..	15	3
Santa Marta de Penaguião	10	1
Valpaços ... ..	32	12
Vila Pouca de Aguiar ...	16	3
Vila Real ... ..	27	4
	<hr/>	<hr/>
	254	64
		25,1
VISEU		
Armamar ... ..	16	2
Carregal ... ..	6	2
Castro Daire ... ..	20	6
Fráguas ... ..	7	2
Lamego ... ..	19	4
Mangualde ... ..	18	3
Moimenta da Beira ... ..	18	5
Mondim da Beira ... ..	7	1
Mortágua ... ..	10	2
Nelas ... ..	6	3
Oliveira de Frades ... ..	12	2
Penalva do Castelo ... ..	12	4
Penedono ... ..	9	2
Resende ... ..	15	3
Santa Comba Dão ... ..	7	2
S. João de Areias ... ..	3	—
S. João da Pesqueira ... ..	19	4
S. Pedro do Sul ... ..	20	5
Sátão ... ..	11	3
Sernancelhe ... ..	20	7
Sinfães ... ..	17	2
Tabuaço ... ..	14	5
Tarouca ... ..	8	1
Tondela ... ..	24	9
Viseu ... ..	32	13
Vouzela ... ..	12	4
	<hr/>	<hr/>
	362	96
		26,5
Total das freguesias do Continente ... ..	3736	
		Total das freguesias de N.ª Senhora ... .. 1032
		Percentagem 27,62

## INVOCAÇÕES DAS FREGUESIAS DEDICADAS A NOSSA SENHORA <sup>(103)</sup>

Abadia	—	(1)	Ciladas	1	—
Aboadela	—	(1)	Conceição	144	(148)
Abóboris	1	(1)	Conduzende	1	(1)
Ajuda	6	(6)	Consolação	8	(10)
Alagoa	2	—	dos Coros	1	—
Alcáçova	—	(2)	Corredoura	2	(2)
Alegria	1	(1)	Desterro	1	(1)
Altos Céus	1	(1)	Devesa	1	(1)
Alva	1	(1)	Dores	2	—
Ameal	1	(1)	Encarnação	18	(23)
Amparo	4	(3)	Entre as Vinhas	1	(1)
Anjos	11	(9)	Enxertado	—	(1)
Anunciação	17	(26)	Esperança	8	(8)
Anunciada	2	(1)	Espinheiro	1	(1)
Apresentação	5	(6)	Expectação	28	(66)
Candeias	5	(1)	do Ó	9	(11)
Luz	11	(13)	Estela	—	(1)
Luzes	—	(1)	Estrela	—	(1)
Purificação	40	(56)	Feira	2	(1)
Areias	1	(1)	Finisterra	1	(1)
Ascensão	2	—	Freixo	—	(1)
Assunção	152	(237)	Freixa, antigamen-		
Atalaia	1	(1)	te do Sepulcro	—	(1)
a Bela	—	(1)	Fumagueira	1	(1)
Belém	2	—	Gaiola	1	(1)
Bispo	1	—	Glória	2	(1)
Boa Fé	1	(1)	Graça	70	(76)
Boa Viagem	2	(2)	Guia	—	(1)
Boas Novas	2	(1)	Hospital	—	(1)
Bom Despacho	1	(1)	Lagoa	—	(2)
Brotas	1	(1)	Lapa	1	—
Calçada	1	(1)	Livração ou Bom		
Candeias (Ver Apre-			Despacho	—	(1)
sentação)			Loreto	2	(3)
Caridade	1	(1)	Luz e Luzes (Ver		
Carmo	2	(1)	Apresentação)		
Castanheiro	—	(1)	Mãe dos Homens	1	—
Castelo	4	(6)	Mártires	6	(4)

(103) Os primeiros números referem-se às invocações mencionadas no *Censo da População de 1890* e os números entre parêntesis às invocações do *Portugal Sacro-Pro-fano* de Paulo Dias de Niza, vol. I e II (Lisboa, 1767-1768).

Mercês	2	(2)	Purificação (Ver Apresentação)		
Milagres	4	(4)	Reclamador ou Roca-		
Misericórdia	1	(5)	mador	2	(2)
Montserrat	1	(1)	dos Reis	1	(2)
do Monte	2	(2)	Relíquias	2	(2)
Monte Sião	1	(1)	Remédios	4	(5)
Monte da Virgem	1	—	Ribeira	2	(1)
Natividade	17	(34)	Rosário	22	(22)
Nazaré	3	(2)	Roxo	—	(1)
Neves	37	(39)	Salvação	1	(1)
do Ó (Ver Expectação)			Santa Maria	227	(81)
Olivais	1	(1)	Santa Maria Maior	19	(12)
Oliveira	9	(9)	Saude	1	—
Orada	2	(4)	Sepulcro (Ver Fres-		
Outeiro	—	(1)	ta)	—	(1)
Ovida	1	—	Serafins	1	—
Paz	1	—	Silva	3	(3)
Pé da Cruz	2	—	Sobreiro	—	(1)
Penha ou Penha	2	(3)	Socorro	4	(3)
Peso	1	(1)	Vale	1	(1)
Piedade	8	(7)	Verde	—	(1)
Pópulo ou Povo	1	(1)	Vila	1	(1)
Porta	1	(1)	Vinha	1	(1)
Pranto	12	(14)	Virtudes	2	(2)
Prazeres	11	(12)	Visitação	7	(8)
Preces	1	—	Vitória	3	(3)
Pureza	1	—			

O Rev. P. Bartolomeu Ribeiro, no artigo *Ladainha Mariana dos Portugueses* <sup>(104)</sup> menciona quarenta e três invocações tiradas do *Santuário Mariano* e do *Portugal Antigo e Moderno*, sendo diferentes das acima mencionadas as dezasseis seguintes: Nossa Senhora da Boa Fé dos Milagres, da Boa Hora, da Boa Morte, da Boa Nova, do Bom Sucesso, da Divina Providência, dos Enfermos, do Livramento, da Lumieira, das Necessidades, do Paraíso, dos Pobres, da Porta do Céu, das Portas do Céu, do Porto Salvo e da Quietação.

(104) *Itinerarium*, vol. II (Braga, 1956), p. 415-423. — É muito elucidativa a comunicação apresentada pelo Rev. P.º Manuel Veloso no Segundo Congresso Mariano Nacional (Braga, 1954) sob o título *Nossa Senhora na Arquidiocese de Braga — seu culto e suas principais invocações*, de onde consta que nesta arquidiocese há 138 lugares, 143 freguesias, 794 capelas e ermidas, 2.460 altares e 4.067 imagens de Nossa Senhora, que é invocada sob. 91 títulos (*Actas*, pág. 874 e ss).

Há, todavia, muitas outras invocações que se podem juntar às cento e trinta e cinco já mencionadas, como as de Nossa Senhora da Agonia, do Alívio, de Fátima, de Guadalupe, de Lourdes, dos Mareantes e Navegantes, da Peneda, do Pilar, do Sameiro, e mil outras maneiras que a piedade filial dos Portugueses usa para homenagear e invocar aquela que, sob o título de Santa Maria, é, desde o início da nacionalidade, a Padroeira e Rainha de Portugal, como se pode ver no artigo *Maria* que Mons. Miguel de Oliveira publicou na *Grande Enciclopédia Port. e Brasileira*.

«A nossa História-Pátria, concluirei com o Autor atrás mencionado, é uma bíblia mariana. Os versículos dos seus salmos deprecatórios são gritos de aflitiva esperança, cânticos laudatórios de agradecimento, dirigidos à Rainha que nos escolheu o rei fundador da nossa nacionalidade, D. Afonso Henriques, devoto apaixonado da Mãe de Cristo. Daí nos veio este jeito místico de só sabermos falar a Deus pelos lábios da Senhora da Conceição, e de chorar contrições pelos olhos da Senhora das Dores.

As invocações marianas dos Portugueses contam-se pelas necessidades pessoais, familiares ou nacionais que nos cruciaram, nos oito séculos de existência nacional.»

### P. AVELINO DE JESUS DA COSTA

(Bolseiro do Instituto de Alta Cultura)

*Obs.* Este trabalho é o sumário da seguinte obra, a publicar oportunamente *A VIRGEM MARIA NA IDADE MÉDIA PORTUGUESA*, subdividida em quatro capítulos: 1) Templos e lugares dedicados à Virgem Maria (Inventário alfabético com a cota e data dos mais antigos documentos relativos a cada um); 2) A Virgem Maria na arte medieval portuguesa; 3) A Virgem Maria na esfragística medieval portuguesa; 4) A Virgem Maria na vida portuguesa da Idade Média.